PENTAGRAMA

revista

ANO 1 | Nº 2 | 2025

- O plano astral
- Sentidos e vida libertadora
- Tornar-se o mestre de si mesmo
- O silêncio
- Vontade
- Esforço, limites e desafios
- As duas vozes
- Perdão e reconciliação
- A fé
- *A voz do silêncio*

2

Revista Pentagrama | ANO 1 | Nº 2 | 2025
Revista trimestral do Lectorium Rosicrucianum

Pentagrama Publicações
responsável pela produção dos livros da
Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.
https://pentagrama.org.br/revista

Autor:
Lectorium Rosicrucianum

Revisão:
Maria Helena Zockun e Flavia Araújo

Capa e Projeto gráfico:
Mônica Jackson

Diagramação e conversão para e-book:
Lumiar Design

Editora responsável:
Rafaela Furlan

Todos os direitos desta edição reservados à
Pentagrama Publicações
Av. Vereador João Pedro Ferraz, 605
Cep: 13240-000 | Bom Retiro | Jarinu | SP
www.pentagrama.or.br
livros@pentagrama.org.br

Revista Pentagrama
(suporte impresso ISSN: 1677-2253)

PENTAGRAMA

Revista trimestral do Lectorium Rosicrucianum

A Revista Pentagrama é a revista trimestral do Lectorium Rosicrucianum, que reúne seleções de serviços templários proferidos em seus templos no Brasil.

A Revista constitui um espaço de encontro entre reflexão, autoconhecimento e vivência espiritual. Mais que apresentar ideias, buscamos oferecer ao leitor a oportunidade de voltar-se para si mesmo e conectar-se com um horizonte mais amplo, onde pensamentos, sentimentos e impulso de agir se harmonizam.

Cada artigo foi pensado como apoio para que o leitor, a partir de sua experiência, abra-se ao novo, reconheça o essencial e participe do trabalho de renovação interior que a Escola Espiritual propõe. Mais que conceitos, trata-se de vivências que podem ser percorridas com coragem, discernimento e amor pela Verdade.

Que esta publicação inspire cada um, de forma livre e consciente, a entrar no fluxo dessa transformação, permitindo que a Luz interior se manifeste e encontre expressão no mundo. É com esse espírito que apresentamos esta edição e o convidamos a seguir conosco nesta jornada.

Sumário

O plano astral 3

Sentidos e vida libertadora 7

Tornar-se o mestre de si mesmo 11

O silêncio 15

Vontade 19

Esforço, limites e desafios 24

As duas vozes 28

Perdão e reconciliação 32

A fé 36

A voz do silêncio 40

O plano astral

Existem muitas ideias e conceitos sobre o mundo astral que precisam ser esclarecidos. No passado, e mesmo nos dias de hoje, há quem acredite que o mundo astral, o plano astral, é um plano mais elevado do que o material e que se aprofundar nele, ou entender como acessá-lo, pode trazer conhecimento espiritual ou permitir a ampliação da consciência. Muitos acreditam, por exemplo, que a clarividência – que é a capacidade de enxergar certos aspectos do plano astral – pode trazer algum tipo de elevação espiritual.

Em contrapartida, existem os que acreditam que podem se tornar vítimas das forças que existem no mundo astral e que, por esse motivo, suas escolhas e, portanto, sua vida, pode ser prejudicada por essas forças.

O propósito deste texto é tentar esclarecer alguns aspectos importantes sobre o plano astral.

Os mundos invisíveis – que além do plano astral incluem os planos etérico e mental – também são chamados de esfera refletora, porque são um reflexo do que se encontra no mundo físico, mas tendo como material de construção energias mais sutis, denominadas éteres.

É importante entender isso, pois tudo o que pensamos, sentimos e desejamos se manifesta por meio desses éteres sutis. Mesmo que não se consiga enxergar esses éteres, eles existem e acabam se agrupando de acordo com sua vibração, intensidade e frequência.

Quando agrupados, esses éteres podem assumir diversas formas e características e, como são alimentados constantemente por nós – pois não deixamos de pensar, sentir e desejar –, eles não desaparecem e acabam influenciando nossa consciência de maneira direta ou indireta. É por isso que se afirma que a esfera refletora não existe como um fenômeno isolado, mas é criação nossa.

Em um de seus livros, Alice Bailey diz:

> Falando literalmente, do ponto de vista do plano mental, o corpo astral é "uma ficção da imaginação", não um princípio. O uso massivo da imaginação, colocada a serviço do desejo, construiu, não obstante, um mundo ilusório de miragens, o mundo do plano astral. Durante a encarnação física e quando um ser humano não está no caminho do discipulado, o plano astral é muito real e tem sua própria vida e vitalidade. Após a primeira morte (a morte do corpo físico) ele permanece igualmente real. Mas sua força vai desaparecendo lentamente e o corpo mental desperto pode entender o seu verdadeiro estado de consciência (desenvolvida ou não), e é possível que ocorra uma segunda morte.
>
> Portanto, o plano astral não tem existência real, é uma criação ilusória da família humana. No entanto, a partir de um certo período, o plano astral lentamente morrerá, e no período final da história humana deixará de existir; mas agora não é assim. Com a substância sensorial que constitui o plano astral, formas ilusórias são construídas, como uma barreira no caminho da alma que procura por libertação.
>
> O plano astral ainda aprisiona, mesmo depois da morte, inúmeras pessoas cuja principal preocupação é o desejo, pensamentos ambiciosos e estados emocionais de diversos tipos.[1]

Também o livro *A Gnosis Chinesa* fala sobre a manifestação dialética com suas duas metades, a esfera material e a esfera refletora:

> É preciso distinguir entre o Espírito planetário, que é uma manifestação material, e o Logos planetário, a existência monádica do planeta. A mesma relação existe para a vida solar, para a vida no zodíaco, nas galáxias e no espaço dialético como um todo.
>
> Contemplando e vivenciando tudo isso, podemos concluir que, no fundo, o espaço dialético inteiro, com todas as suas formas e aspectos aparentes, não existe. Podemos chamar algo que aparece e desaparece de realidade superior?
>
> Trata-se de uma ilusão que se dissipa por si mesma.[2]

Na época da formação da consciência astral, que é a consciência que percebe (e ainda não se autopercebe), o desenvolvimento de sentimentos, desejos etc., deu origem ao que conhecemos hoje como plano astral. Nessa época, o corpo mental (a autoconsciência) ainda não havia se manifestado, sendo apenas uma força em potencial.

Mesmo nos dias de hoje, apesar de muitos caminharem em direção à autoconsciência, ou ao despertar do verdadeiro corpo mental, o estado de consciência astral ainda prevalece.

1. Bailey, A. *Morte: a grande aventura*. Niterói, RJ: Ed. Avatar, 1988.

2. Rijckenborgh, J. van; Petri, Catharose. *A Gnosis Chinesa: comentários sobre o Tao Te King*. Jarinu, SP: Pentagrama Publicações, 2017.

É por isso que somos constantemente atraídos e dominados por estados emocionais como se estivéssemos em uma montanha-russa: ora estamos alegres e eufóricos, ora tristes e melancólicos; ora estamos firmemente decididos a não nos irritarmos, ora basta um pequeno acontecimento para nos tirar do equilíbrio que acreditamos possuir.

É esse plano astral ilusório, criado por nós mesmos e que não existe por si só, que é chamado em *A voz do silêncio* de Sala da Instrução, sendo o plano material a Sala da Ignorância. E podemos ler:

> [...] tendo aprendido sobre sua própria ignorância (plano físico), foge da Sala da Instrução. Ela é perigosa em sua pérfida beleza e é necessária apenas para sua provação. Não deixe sua alma se prender à sua luz enganadora.[3]

Notem como o texto da *Voz do Silêncio* e as palavras de Alice Bailey se complementam. Nós não somos vítimas de forças exteriores a nós, em um plano sutil que nos aprisiona; nem seremos iluminados procurando conhecimento nessa sala ilusória. Nossa suposta prisão reside em nós mesmos: nos nossos desejos, pensamentos e sentimentos desenfreados que não controlamos, mas que nos controlam.

Para aqueles que "percebem", "veem" ou "sentem" o mundo astral, acrescenta-se o seguinte: como o mundo astral é formado por éteres sutis muito voláteis, nós percebemos o que nossa consciência consegue enxergar desses planos, ou seja, nós vemos aquilo que é um reflexo de nosso próprio estado de consciência ou uma projeção nossa, como um filme particular.

Somente o ser humano que conseguiu despertar e adentrar a Sala da Sabedoria – que é uma alusão ao estado de consciência desperto – consegue ver através dos véus da Sala da Instrução ou do mundo astral.

É isso que levou Ouspensky, quando teve contato com esse plano astral, a escrever o seguinte:

> Minha impressão pessoal era de que, no mundo com que entrei em contato, não havia nada semelhante a qualquer das descrições que tinha lido ou ouvido antes.
>
> Assim, em primeiro lugar, era difícil para mim admitir que o mundo astral todo, descrito com tais detalhes por diferentes autores, não existia de modo algum.
>
> Mais tarde verifiquei que muitas outras coisas também não existiam.[4]

O que Ouspensky percebeu ou viu no mundo astral era reflexo de seu próprio estado de consciência, era o que ele conseguia ver e que, de certo modo, projetava.

Neste ponto cabe a pergunta: o que o aluno de uma Escola Espiritual verdadeira deve fazer?

3. Blavatsky, H.P. *A voz do silêncio.* São Paulo: Ed. Pensamento, 2010.

4. Ouspensky, P.D. *Um novo modelo do universo*. São Paulo: Ed. Pensamento, 1987.

Como está dito no livro *A voz do silêncio*:

> Não deixes que teu "nascido do Céu", submerso no mar de Mâya, da ilusão, se desprenda do Pai Universal; porém que o ígneo poder se retire para a câmara mais íntima, a câmara do Coração e a morada da Mãe do Mundo. Então, do coração esse Poder ascenderá à sexta região, à mediana, o lugar entre os teus olhos, quando ele se torna o hálito da Alma-Única, a voz que preenche tudo, a voz de teu Mestre.[5]

O poder ígneo que deve despertar no coração é o poder da centelha do Espírito adormecida, que é o verdadeiro Ser. Quando esse poder desperta, no decorrer de um caminho de autoconsciência, é possível que ele toque o núcleo da alma que se encontra na região da glândula hipófise e, a partir daí, uma nova consciência pode surgir. Não uma consciência adquirida em um plano sutil ou uma consciência que vem por meio de um suposto "mestre dos planos sutis", mas uma consciência que desperta no próprio ser, pela transformação de seus pensamentos, sentimentos e de toda a sua vida.

Assim, conclui-se que a chave para a iluminação do ser humano se encontra dentro dele mesmo. E a única coisa que o impede de alcançar essa chave é a sua consciência, que ainda se encontra em estado de percepção astral, mas ainda não despertou para a autoconsciência preenchida pela força ígnea do Espírito que já se encontra dentro dele.

O ser humano é ele mesmo o seu carcereiro e libertador.

A partir do momento que compreende essas coisas, ele ganha novamente a autonomia para assumir o leme de sua vida e assim se libertar.

Que todos possamos compreender o que foi dito e, mais do que compreender, que possamos trilhar o caminho para o despertar de uma consciência renovada que nos guie através da Sala da Sabedoria em direção à fonte indestrutível da Onisciência.

5. Blavatsky, H.P., *op.cit.*

Sentidos e vida libertadora

Somos constantemente confrontados com experiências e vivências que chegam por meio de nossos sentidos naturais: visão, olfato, paladar, audição e tato. Nossos sentidos são como uma membrana externa ao nosso ser, que interpreta e traduz cada experiência e traz o resultado à nossa consciência.

Cada experiência traz consigo uma carga de informações preciosas. Mas como nossos sentidos naturais não são veículos perfeitos, as experiências nos chegam como um ruído, sem que as percebamos com clareza. E esse ruído informacional às vezes nos coloca em situações difíceis, de falta de compreensão mútua.

O relacionamento de nossa consciência com nossos sentidos não é algo simples de compreender, porque o diagnóstico sobre o funcionamento dos sentidos não é tratado na vida comum. A primeira lição que precisamos entender é que nossos sentidos não são neutros. Se assim fossem, todos teriam as mesmas percepções a respeito de experiências semelhantes, mas isso está longe de ser verdade.

Percebemos as pessoas e as situações de formas bem diversas e particulares. Por exemplo, para uma criança, a chuva é uma oportunidade para brincadeiras, algo prazeroso; para uma pessoa de meia-idade, o contato com a chuva causa desconforto, que a leva a se proteger. A sensação causada pela chuva é apenas um exemplo de como nossos sentidos sofrem modificações de acordo com a idade.

A cultura de um país também influencia na forma como nossos sentidos atuam. Por exemplo, um alimento saboroso em uma cultura, pode ser considerado desagradável em outra.

Esses exemplos do tato e do paladar mostram que, para diferentes pessoas, os sentidos produzem diferentes percepções de realidade. E eles também

são moldados pelo direcionamento das intenções: quando estamos focados em determinado objetivo, normalmente não vemos ou ouvimos nada nem ninguém.

Essa situação é tratada no capítulo "Visão, Audição e Paladar" do livro *A Gnosis Chinesa*:

> É essencial dirigirmos nossa atenção para as faculdades da personalidade que cooperam entre si: a visão, a audição e o paladar. Salientamos apenas que a visão reage principalmente à força astral, a audição à força etérica e o paladar à combinação de ambas.
>
> Essa síntese, formada pelos combustíveis da força astral e da força etérica, é, na verdade, o material de construção. Quando esse material de construção é mais concentrado e utilizado de modo mais exato, ele se divide em três aspectos ou três elementos: o ar, a água e a terra. Todos os três se encontram também em nosso campo de respiração, isto é, na nossa atmosfera vital; em nossos fluidos vitais, por exemplo, o sangue e o fluido nervoso – nossa água da vida – e em nossa forma vital, as partes sólidas de nossa personalidade.
>
> A visão é sensível ao astral; a audição, ao etérico; o paladar – nossas preferências alimentares e nossa assimilação alimentar – é determinado pelo astral e pelo etérico. Portanto, do paladar se desenvolvem a atmosfera vital, o fluído vital e a forma vital, da mesma forma que o ar, a água e a terra se formaram a partir das águas originais ou substância-raiz. Desse modo, podemos também dizer que a personalidade possui um aparato especial para atrair e transformar a força astral e a força etérica, cujo resultado determina a personalidade. Com efeito, o homem possui esse sistema especial do qual a visão, a audição e o paladar são componentes extremamente importantes.
>
> Ouvimos em total conformidade com a força etérica atraída pela luz astral magnética. Por conseguinte, o nosso estado de ser é determinado pelo tipo de alimentação daí decorrente.
>
> Esse sistema começa a funcionar desde o berço e continua até o túmulo. O desenvolvimento do reino de Deus, latente no homem, recebe a oposição dessa cegueira, desse ensurdecimento e dessa corrupção. O homem possui olhos, mas não vê; possui ouvidos, mas não ouve. Esse defeito submete o ser-forma do homem à corrupção e à cristalização.
>
> Parece que todo homem sabe disso intuitivamente. Ele se sente ameaçado, de todas as formas, por esse grande conflito. Sua vida, sua saúde, suas forças vitais correm um grande perigo! É por isso que ele se deixa levar a fazer inúmeras experiências. Para afastar o perigo![6]

Se quisermos ser protagonistas na vida, tendo um papel determinante no rumo dos acontecimentos, é possível nos libertar da densa camada de condicionamentos produzida pelos sentidos. Existe um elemento na vida humana que ultrapassa os sentidos comuns: esse

6. Rijckenborgh, J. van; Petri, Catharose. *A Gnosis Chinesa: comentários sobre o Tao Te King.* Jarinu, SP: Pentagrama Publicações, 2017, cap.12.

elemento pode ser chamado de Logos ou de o Verbo criador.

As emanações do Logos se derramam sobre a humanidade e atravessam a camada dos sentidos comuns até atingir sua correspondência no ser humano: a centelha divina. Nessa forma de comunicação não há ruído informacional. Mas como se trata de algo novo, esse encontro sempre produz certa confusão na consciência e nos sentidos naturais, pois é uma informação direta que não se submete à estrutura da consciência natural humana.

E essa confusão leva o ser humano a reagir, a buscar algo diferente: esse encontro sempre produz alguma forma de inovação, seja por meio de questionamentos, seja por sentimentos ou por uma necessidade de maior compreensão.

A forma como reagimos a esse toque determina se continuamos os mesmos, ou se aceitamos alguma modificação; esta produz maior intimidade com esse aspecto da vida que está além dos sentidos comuns.

Embora as reações sejam variadas, a percepção a esse toque do Logos na centelha produz sempre dois conjuntos de percepções poderosas no ser humano. Em geral, a primeira reação é a desconfiança a respeito de como a vida em sociedade está organizada; ou seja, surge no ser humano um desconforto. É o que chamamos de desmascaramento da vida.

Contudo a reação mais poderosa é aquela que nos leva a desconfiar de nós mesmos, da nossa forma de perceber a vida. Esse impacto poderoso é chamado de desmascaramento de si próprio, ou autodesmascaramento.

A necessidade de desmascarar-se cobra um preço caro à nossa consciência, pois passamos a reconhecer que estamos presos em uma densa névoa formada pelos sentidos, o que nem sempre é agradável. E essa nevoa impede que nos seja revelada a realidade da vida. Logo, é preciso uma completa transformação dos sentidos para vermos a vida como de fato ela é.

Uma hipótese a ser considerada é a falta de desejo de se autodesmascarar. Nesse caso, o toque produzido pelo Logos será transformado em memória. Essa memória será incorporada aos nossos sentidos naturais e o impulso de transformação será mais uma camada de sedimentos sutis, reforçando o autoengano a nosso respeito e a respeito da vida. Seremos capazes de discutir sobre a necessidade da transformação da consciência, contar belas histórias sobre isso, mas sem que nada de real aconteça.

Por outro lado, havendo força e coragem de transformação, a teia dos sentidos sofre uma profunda ruptura e então um completo renascimento dos sentidos se inicia. Diante disso estamos aptos a desmascarar a vida, de forma a sermos pioneiros nos rumos dos acontecimentos.

Aquele que vence a si mesmo é livre, pioneiro no processo de transformação que será realizado por toda a humanidade. Aqueles que se transformam servem de inspiração para os demais, constituindo uma terceira força de transformação.

A primeira força é o próprio Logos. A segunda força é o aspecto divino que trazemos em nós. A terceira força é a inspiração produzida pelos inúmeros que realizaram esse processo de transformação.

As escolas de mistérios de todos os tempos falam dessa necessidade de inspirar. Tivemos escolas como estas em diversas partes da terra, como a dos maias na América Central, a dos cátaros no sul da França e muitas outras.

E hoje a Rosacruz Áurea nos fala da necessidade de transformação concreta na vida, pois apenas essa transformação é real e produz consequências.

Se quisermos de fato realizar uma transformação real na vida precisamos inspirar as pessoas com base em nosso estado de ser, e não com belas e elevadas histórias. A inspiração é um grande poder, pois é a síntese entre a mensagem pura de transformação e a própria vida. Os que vencem seus sentidos comuns realizam essa fusão entre a mensagem e a vida. E essa fusão inspira os nossos próximos e muda a vida ao nosso redor.

Trata-se da tarefa de uma vida que não pode ser transferida para ninguém, pois é nossa responsabilidade. Se queremos transformar a vida é preciso nos transformar, e desse modo inspirar os que nos rodeiam: só assim uma nova vida é criada.

Que do imo de nosso ser saibamos que quem vence a si mesmo é um forte, que leva consigo os incontáveis que ainda não estão conscientes de todas as possibilidades humanas.

Tornar-se o mestre de si mesmo

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea é uma construção iniciada em 1924, um edifício espiritual onde se reúnem diversos tipos de moradores. Este texto aborda um tema que, se mal compreendido, pode causar certo estranhamento: trata-se da relação da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea e seus fundadores, as duas pessoas que carregaram sobre seus ombros a maior parte do processo de construção e desenvolvimento das estruturas espirituais da Escola, e sobre os quais se apoia todo esse edifício. Esses dois fundadores são Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, pseudônimos que utilizaram em seus trabalhos, na publicação da nossa literatura, e por meio dos quais ficaram conhecidos.

Hoje, na atualização desse edifício, eles são mencionados como os fundadores da Escola mas, no passado, era utilizada uma outra expressão que muitos alunos ainda conhecem e utilizam: eles eram conhecidos como os Grão-Mestres.

Os que ingressaram há pouco na Escola podem estranhar essa denominação, pois, ao serem acolhidos como alunos, ouviram que aqui não há mestres. "Como assim?" perguntarão, "vocês disseram que o único mestre é a centelha espiritual em meu coração, e agora dizem que existiram (e para muitos alunos ainda existem) as figuras de Grão-Mestres? Não há nisso incoerência ou mesmo contradição?".

Essa questão é pertinente e legítima e, para respondê-la, é preciso resgatar um pouco do passado da fundação de nossa Escola, para que se conheçam os valores fundamentais no estabelecimento desse edifício.

A Escola foi fundada na década de 20 do século passado na Holanda, época em que a Europa se recuperava da

devastação da Primeira Guerra Mundial. A sociedade holandesa era muito diversificada do ponto de vista religioso – com forte presença do protestantismo e do catolicismo, bem como de uma crescente comunidade judaica – e o pensamento religioso na Holanda estava passando por mudanças significativas.

A visão protestante reformista possuía uma ética que dava ênfase ao trabalho árduo, à honestidade, à preservação da família e ao cuidado com a vida. Essa visão ética reformista inspirava até mesmo políticas públicas. A liderança espiritual exercida por pessoas que se destacavam era não só aceita, como incentivada e mesmo necessária; nessa época eram necessários mestres, literalmente, que mostrassem o caminho.

Nesse contexto histórico, a figura dos fundadores da Escola como líderes fazia sentido: esse era o pensamento corrente. A Escola, classificada oficialmente como organização religiosa – como ainda hoje –, devia se adequar ao que os rosacruzes clássicos diziam ser "a roupa do país". Se ela não se apresentasse conforme o contexto social da época, seria irrelevante à psique dos buscadores daquele tempo. Até alguns anos atrás, as "vestimentas externas" da Escola eram comparáveis às da igreja protestante: o uso da linguagem bíblica, o canto, e até mesmo o modo de vestir. É nesse contexto que se deve entender as denominações de grão-mestres; eles mesmos não se deram esse nome, mas o receberam. E quem lhes deu esse título?

Aqui cabe um parêntese: as escolas espirituais pertencem ao que se denomina Fraternidade Universal, que é um cosmos de onde se originam todas as manifestações da sabedoria perene no tempo e no espaço. Os luminares que criaram as vias de acesso ao divino – Buda, Lao-Tsé, Cristo, Zaratustra, Platão, para citar alguns – provêm desse grande cosmo, desse pleroma.

A via imediata que precedeu a manifestação atual da Rosacruz Áurea foi o catarismo na Idade Média; essa manifestação da Fraternidade Universal teve um início e um fim. Mas ao longo dos séculos, o fio condutor entre esses movimentos foi mantido, passando pela manifestação da Fraternidade Universal no Rosicrucianismo Clássico do século XVII, que por sua vez foi um dos pilares do surgimento da Escola da Rosacruz Áurea, em 1924.

Coube ao representante dos cátaros, Antonin Gadal, acolher a Rosacruz Áurea como nova manifestação da Fraternidade Universal. E foi o Sr. Gadal que, em 1955, deu a denominação de grão-mestre a Jan van Rijckenborgh e à Catharose de Petri. Ambos aceitaram a incumbência, ao mesmo tempo em que alertavam seus alunos para que mantivessem a autonomia de sua caminhada e não dependessem de mestres externos, inclusive deles mesmos.

Tudo isso, que marcou uma época, vem se transformando ao longo dos últimos anos. Nos dias de hoje, em plena era de Aquário, não é mais possível depender

de referências externas para o modo de agir. O modelo anterior está sendo substituído por duas noções que se adaptam melhor aos dias de hoje: a autonomia da autoiniciação e o trabalho em grupo.

Em determinado momento, os fundadores passaram para um grupo de alunos as tarefas que executavam pessoalmente. Hoje a atuação da Escola se apoia na noção de grupo; seus órgãos diretivos, em todas as esferas de coordenação, são exercidos por grupos nos quais o individual se dilui. Ao receber mandato para uma atividade, todo aluno sabe que chegará o momento em que cederá seu lugar.

A Escola honra seu passado: seu presente é a síntese de tudo o que vivemos. Essa síntese é nosso maior tesouro, é a riqueza espiritual que une todas as estruturas internas da Escola e se manifesta como princípios que norteiam nosso trabalho e por isso nunca serão esquecidos. O que foi feito, como escola, fez sentido à época; seríamos espiritualmente irresponsáveis se mantivéssemos tudo inalterado como há 100 anos, fazendo certos procedimentos parecerem anacrônicos e irrelevantes.

A autonomia e o trabalho em grupo, ainda que possam parecer ideias contraditórias, referem-se a dois aspectos da Escola: o trabalho individual e o coletivo.

Quanto ao trabalho em grupo, acima se tratou dos aspectos organizacionais e diretivos da Escola. Mas existe outro aspecto fundamental do trabalho em grupo, quanto ao próprio discipulado. O trabalho coletivo da Escola pode ser visto de duas maneiras: exteriormente, quando os alunos participam coletivamente dos serviços templários, conferências e reuniões de grupos; e interiormente, quando é compreendido que essa participação cria as condições para o nascimento da nova alma, tecida com os fios do espírito.

Quando nos reunimos com base nessas novas almas, é criado o que a Escola denomina unidade de grupo.

É a unidade de grupo, com base na nova alma, que cria as condições para transpor um dos maiores impedimentos em nossa caminhada: o egocentrismo. Nossa consciência é obstaculizada por amarras que nós mesmos criamos, e que muitas vezes não percebemos. O trabalho coletivo, tendo por base a verdadeira unidade de grupo, serve de espelho para que possamos ver o que muitas vezes não percebemos: nossos próprios impedimentos.

Esse desmascarar é feito em autonomia, mas com o apoio impessoal do grupo. Como isso é possível, já que cada um de nós tem seu ego e suas próprias amarras e dificuldades?

A solução para essa questão está no fato de que a nova alma surge da centelha do espírito, cuja natureza é união, portanto, o oposto à separatividade que nos caracteriza.

O espírito é luz, é unidade. Assim, a consciência conectada com sua centelha do espírito vai aos poucos rompendo todas

as barreiras que a separam de todos os outros seres, rompendo os mecanismos egocêntricos.

Nos grupos em que somos inseridos na Escola, podemos encontrar pessoas de diferentes idades, gêneros, condições sociais, formações morais e culturais, enfim, personalidades completamente diferentes. A nova alma de cada um se unirá independentemente desse tecido grupal multicolorido. Essa unidade de grupo, essa unidade de almas, possibilita que em nossas reuniões cada um receba o ensinamento a respeito do processo espiritual, e também que se dinamize em conjunto com a força espiritual individual e coletiva, para colocar na prática o ensinamento recebido.

Isso requer aceitação mútua, humildade, amor, autorrendição, disposição para servir ao próximo. Esses são os antídotos que a nova alma nos dá para superar o egocentrismo. Isso é autonomia; isso é autoiniciação; isso é viver da força interior para realizar um processo espiritual em grupo.

Quando compreendemos isso, ficamos tranquilos com relação à necessidade de um mestre que venha nos ensinar o que fazer e o que deixar de fazer. Cada um daqueles que nos precedeu torna-se um estímulo para que também caminhemos.

Esse foi e continua sendo o papel dos fundadores da Escola. O relevante é que eles, e todos os que seguem com eles, estão unidos com base no que é espiritual, e não pessoal. Ninguém, seja um mestre ou o próprio Deus, fará o processo espiritual que nos cabe fazer. Nós mesmos, com discernimento, firme decisão e disciplina precisamos trabalhar diariamente para a realização do processo espiritual. O que importa é que temos à disposição uma imensa força que nos alimenta diariamente no caminho. Todas as condições são favoráveis para nosso progresso.

Se dermos um passo em direção à Luz, ela dará dois passos em direção a nós. É assim que também superamos as adversidades e nos tornamos mestres de nós mesmos, mestres-construtores do nosso templo interior.

Sigamos adiante para que, plenos de força, auxiliemos aos que também buscam a Luz.

O silêncio

Na sociedade moderna, urbana, convive-se com diversas formas de ruído. Esse som constante amortece nossas percepções, levando-nos muitas vezes a falar e a ouvir de forma automática.

Uma reflexão sobre essa questão se encontra n'*O livro de Mirdad*:

> O falar é, na melhor das hipóteses, uma mentira honesta. Ao passo que o silêncio é, no pior dos casos, uma verdade nua. Até mesmo as palavras de Mirdad são apenas mentiras para todos cujo eu não é o mesmo que o de Mirdad.
>
> Até que todos os vossos pensamentos sejam escavados de uma única pedreira e todos os vossos desejos sejam extraídos do mesmo poço, vossas palavras serão, conquanto honestas, mentiras.
>
> Quando vosso eu e o meu forem um, assim como o meu e o de Deus são um, dispensaremos as palavras e comungaremos perfeitamente em silêncio pleno de verdade.
>
> Como vosso eu e o meu não são o mesmo, sou constrangido a desferir contra vós uma guerra de palavras, para que possa vencer-vos com vossas próprias armas e levar-vos à minha pedreira e ao meu poço. Somente assim podereis ir para o mundo, vencê-lo e dominá-lo como eu vos vencerei e dominarei.
>
> E somente então estareis preparados para guiar o mundo ao silêncio da Consciência Suprema, para a pedreira do Verbo, para o poço da Sagrada Compreensão.
>
> [...] O Silêncio em que vos farei entrar é aquela expansão interminável na qual o não-ser passa a ser e o ser passa a não-ser. É aquele vácuo venerável onde todo som nasce e é silenciado; onde toda forma é moldada e esmagada; onde todo ser é gravado e desgravado; onde nada existe, a não ser ISTO.

A não ser que atravesseis esse vácuo e essa expansão em silenciosa contemplação, não sabereis quão real é vosso ser, nem quão irreal o não-ser. Nem sabereis quão firmemente ligada está vossa realidade com toda a Realidade.

É por esse Silêncio que eu gostaria que peregrinásseis, para que pudésseis abandonar vossa velha pele apertada e andar sem restrição, desagrilhoados.

É para lá que almejo que leveis vossas preocupações e receios, paixões e desejos, cobiças e luxúrias, para que os possais ver desaparecer um a um, aliviando, assim, vossos ouvidos de seus gritos incessantes e poupando vossos flancos da dor de suas afiadas esporas.

É ali que desejo que jogueis os arcos e flechas deste mundo, com os quais esperais caçar contentamento e alegria, e em realidade nada caçais senão desassossego e tristeza.

É ali que espero que rastejeis para fora da tenebrosa e sufocante carapaça do ser para a luz e o ar livre do verdadeiro Ser.

É esse o Silêncio que vos recomendo, e não um mero descanso para vossa língua gasta pelo falar. É o silêncio fecundo da Terra que vos recomendo, e não o silêncio temeroso do traidor e do trapaceiro. O silêncio paciente da galinha que choca é que vos recomendo, e não o impaciente cacarejar de sua irmã que bota.

[...]Cuidado com a virtude cacarejante, meus companheiros. Assim como amordaçais vossa vergonha, amordaçai também vossa honra, pois a honra cacarejante é pior que a silenciosa desonra, e a virtude clamorosa é pior que a iniquidade muda.

Evitai o demasiado falar. Em cada mil palavras pronunciadas, pode ser que haja uma, somente uma, que, em verdade, necessita ser pronunciada. As restantes só nublam a mente, entopem o ouvido, irritam a língua e também cegam o coração.

Como é difícil dizer a palavra que realmente deve ser dita! Em cada mil palavras escritas, pode ser que haja uma, somente uma, que, em verdade, necessita ser escrita. As restantes são tinta e papel desperdiçados e minutos aos quais se deu pés de chumbo em vez de asas de luz. Como é difícil, ó, como é difícil escrever a palavra que precisa verdadeiramente ser escrita![7]

Jiddu Krishnamurti também faz uma reflexão interessante sobre o silêncio da mente no livro *Fora da violência*. Ele afirma que podemos alcançar esse silêncio sem muito esforço:

> O silêncio da mente vem naturalmente – notai bem: vem naturalmente, facilmente, sem esforço, se sabemos observar, se sabemos olhar. Ao observardes uma nuvem, olhai-a sem "a palavra" e, por conseguinte, sem pensamento; olhai-a sem a separação do observador. Então, nesse próprio ato de olhar, há percebimento e atenção – não tomar a resolução de ficar atento, mas, sim, olhar com atenção; ainda que esse ato dure apenas um minuto, um segundo, isso basta. Não vos mostreis ávido, dizendo "Quero que dure o dia inteiro". Olhar sem o observador

7. Naimy, Mikhail. *O livro de Mirdad – um farol e um refúgio.* Jarinu, SP: Ed. Pentagrama, 2014, cap. 12.

> significa olhar sem o espaço entre o observador e a coisa observada – o que não significa identificar-se com a coisa que se está olhando.
>
> Assim, se fordes capaz de olhar uma árvore, uma nuvem, a luz refletida na água, sem o observador, e também (e isso é muito mais difícil, porque requer mais atenção) se fordes capaz de olhar a vós mesmo, sem a imagem, sem nenhuma conclusão (porque a imagem, a conclusão, a opinião, o juízo, a bondade e a maldade estão centralizadas no observador), descobrireis que a mente, o cérebro, de todo se aquieta.
>
> E essa quietude não é cultivável; ela pode sobrevir, sobrevém, quando se está atento, quando se é capaz de observar a todas as horas, observar os próprios gestos, palavras, sentimentos, as próprias contrações faciais etc.
>
> O corrigir qualquer coisa provoca contradição, mas, se a observardes, essa própria observação operará a correção. O silêncio, pois, surge quando há atenção intensa, não só no nível consciente, mas também nos níveis mais profundos da consciência[8].

Lao Tsé escreveu o livro Tao Te King, na China, 600 anos antes de Cristo; nele, a questão do silêncio é abordada de forma profunda, como vemos nos comentários de Jan van Rijckenborgh:

> Quem fala pouco é "espontâneo" e natural. [...]. A linguagem muito sucinta de Lao Tsé oculta muitas coisas. Uma única palavra sua frequentemente desvenda para nós a inteira filosofia gnóstica. Portanto, o mistério da palavra e do som, deve ser revelado se quisermos compreender as intenções de Lao Tsé.
>
> [...]Quando um pensamento é produzido pelo cérebro ou um desejo nasce no coração, e ambos emanam da cabeça e do coração, então se projetam na substância astral que nos envolve de todos os lados, assim como o peixe é envolvido pelo elemento água. Essas projeções são refletidas de volta e mantêm assim nossa natureza astral fundamental, nosso campo de respiração e nossa respiração, bem como toda a nossa vida de pensamentos e desejos, encerrados em determinada esfera de ação.
>
> Vamos supor que alguns pensamentos e sentimentos sejam despertados em nós, e que esses pensamentos e sentimentos não têm nenhuma relação com nosso tipo astral fundamental, sendo, portanto, totalmente estranhos a ele. Então, eles são sempre causados por alguma influência em nosso campo de respiração, pois o outro caminho, através dos chacras e do corpo etérico, está fortemente obstruído pelo sangue, pelo fluido nervoso e pela secreção interna. Como, então, essas influências e seus subsequentes resultados puderam penetrar em nosso campo de respiração? Pois bem, foi através da palavra. Se uma pessoa fala, ela o faz no momento em que expira. Ninguém fala quando inspira. Isso só será possível se for forçado intencionalmente, portanto, apenas durante momentos muito curtos, e a voz não soará então de modo natural.

8. Krishnamurti, Jiddu. *Fora da violência.* São Paulo, Editora Cultrix, 1976.

Quando inspiramos, a matéria astral penetra em nossa cabeça através de nosso campo de respiração e nos leva a determinada atividade mental. Quando expiramos, nossa voz ressoa e, através da palavra, ativamos a imagem, a força e a vibração trazidas a nós pela substância da respiração, transmutando, dessa forma, os valores astrais numa realidade vivente, ativa e mágica. Portanto, falar é uma atividade criadora, devido ao ar expirado.

Ao exalar o ar, o prana é dividido em várias condições vibratórias carregadas com as respectivas imagens-pensamentos, e desse modo o prana, em suas várias gradações, é transportado via laringe, tornando assim audíveis o mental e o astral. Isso se transforma em sons. Vogais e consoantes compõem, em caracteres mágicos, imagens sonoras.

Todas essas imagens sonoras têm sua origem no astral. Essa origem, através da magia da palavra, é, portanto, evocada, vivificada, liberada e ativada. Essa atividade, essa magia, tem evidentemente consequências, ela causa impactos diretos. Essas consequências, às vezes, podem ser salvadoras e libertadoras e, às vezes, aprisionadoras e muito perigosas, tanto para quem fala quanto para quem ouve.

Eis por que Lao Tsé faz esta advertência: "Quem fala pouco é 'espontâneo' e natural". Como já dissemos, cada ser nascido da natureza possui sua própria natureza astral fundamental. Portanto, sua primeira preocupação deveria ser não piorar a qualidade de seu estado de ser nem a deixar cristalizar-se. Por sua paixão pela fala, o homem não somente desperdiça sua energia criadora, como também prejudica seriamente a si mesmo e aos outros.

Quem fala pouco, e o faz por estar perfeitamente consciente disso, que sabe o que faz, que conhece suas responsabilidades, permanece totalmente espontâneo e perfeitamente natural. Então, a base para uma realização autônoma e libertadora está presente.[9]

9. Rijckenborgh, J. van; Petri, Catharose. *A Gnosis Chinesa; comentários sobre o Tao Te king,* Jarinu, SP: Pentagrama Publicações, 2017, cap. 23-I.

Vontade

Há quem defenda, com a força de sua razão e determinada lógica, a inexistência de Deus; enquanto outros defendem sua existência e postulam o amor de Deus por suas criaturas. Esse é um assunto sobre o qual os buscadores da verdade também participam com interesse.

Uma realidade se impõe sobre toda essa discussão: trata-se do fato de que há uma vida ilimitada em manifestação, no sentido amplo da natureza, do Universo e especialmente no sentido pessoal e individual. Participamos do fenômeno que chamamos vida!

Os que se apegam às contradições e aos sofrimentos do mundo, criticam Deus e questionam sua existência. Com a frieza da razão, há os que concebem que o Universo foi criado de forma aleatória, exclusivamente pelas forças naturais: o *Big Bang*, a mecânica da formação das galáxias e buracos negros, a teoria de Darwin sobre a evolução das espécies, e muitas outras teorias fazem parte dessa concepção.

Por outro lado, pensamentos e sentimentos elevados, que enfatizam a beleza, a harmonia e a perfeição de toda a natureza, o funcionamento das galáxias, dos reinos vegetal, animal e humano se alinham aos que defendem a presença de Deus em tudo.

É fato que há uma vida que jorra de fonte inesgotável, que movimenta todo o Universo e que se manifesta aqui e agora! Lagoas, por exemplo, secam por longos períodos restando apenas torrões de terra, situação que pode perdurar por meses ou até anos. Quando volta a chover e o lençol freático refaz a lagoa, os pássaros voltam a pescar nela, e plantas e flores voltam a brotar em suas margens.

A biologia moderna nos dá as explicações lógicas e materiais sobre esse fenômeno. Mas o que se quer enfatizar é que

existe uma vida em manifestação e que, mesmo quando aparentemente ausente, a vida está presente com todas as suas possibilidades.

O ser humano participa dessa vida e está diante de um enigma a decifrar. As diversas civilizações realizaram, tanto no campo coletivo como individual, o desenvolvimento dos inúmeros aspectos dessa vida em manifestação, ora de forma mais harmônica e ora em total desarmonia com o meio. Toda a cultura, a ciência, as religiões, as artes e todas as inúmeras realizações humanas são frutos desse impulso que leva o cosmo e a humanidade adiante.

O que guia essas realizações é o que chamamos de Vontade! É com ela que definimos se queremos ou não, se vamos ou se ficamos, se fazemos ou não fazemos. É com a vontade que definimos qual o objetivo e as realizações que queremos para nossa vida.

O enigma a decifrar começa quando a vontade busca conhecer e manifestar uma vida mais elevada. Por intuição, sabemos que a Vida tem um objetivo que ultrapassa os limites aos quais a nossa vontade nos leva. Mas desconhecemos esse objetivo e como pode ser realizado.

Esse desconhecimento gera especulações sobre a nossa vontade que, por sua natureza, não tem repouso e corre em todas as direções.

Depois de muitas experiências e tentativas, com resultados mais ou menos insatisfatórios, chegamos a uma escola espiritual – e esperamos que ela nos mostre qual é esse elevado objetivo e como é possível realizá-lo.

Nos últimos cem anos, a Escola da Rosacruz Áurea não tem feito outra coisa senão estimular os buscadores e alunos a reconhecerem esse objetivo e apoiá-los em sua realização individual e como grupo. Ela não o faz como detentora de uma autoridade transcendental, mas propondo uma perspectiva sobre como avaliamos a vida, com suas possibilidades e limitações, e como nos comportamos diante dos desafios que ela apresenta.

Para ter êxito em seu trabalho, a Escola necessita da presença permanente de um grupo que conheça o grande plano que está na base de toda a criação universal, os objetivos da Vontade Universal que impulsiona toda a vida manifestada, e saiba como realizá-los em sua própria vida e pela autorrendição de sua própria vontade. Sem um grupo que o realize, não se pode falar em escola espiritual, visto que esse ensinamento deve possuir força. Essa força não está no conjunto de postulados e ensinamentos teóricos, mas surge da aplicação prática na vida pessoal por seus alunos.

Não se aprende isso apenas frequentando a Escola, participando de suas fases de preparação e do discipulado da Escola Interna: tudo isso é necessário, mas é apenas o aspecto exterior na vida dos alunos.

O que precisa de fato ocorrer é cada um transformar sua vida em real esforço de realização da Vontade Universal, do objetivo e da realização da verdadeira vida.

Ao ligar sua vontade à vontade da Fonte Universal da Vida, o ser humano se transforma em um espelho que reflete os objetivos e a realização da vida verdadeira. Ele reflete a imagem do plano e dos objetivos da vida.

Para isso é preciso que os seus campos mental, astral e etérico sejam serenados para receber a ideação da Fonte Universal da Vida, permitindo o nascimento da nova alma e produzindo energia dinâmica para percorrer o caminho e auxiliar a todos.

Não se pense que a proposta é atingir alturas celestiais: se fosse, nos tornaria pessimistas e tentados a desistir desse plano, ou a criar uma idealidade mística. Tudo não passaria de um sonho, de teoria e ilusão que cedo ou tarde traria decepção.

O que se propõe é, por sua própria vontade, decidir agir sobre a sua realidade concreta e proteger seus campos mental, astral e etérico de todas as disputas, intrigas, críticas e julgamentos, sejam no aspecto pessoal, profissional ou na disputa de opiniões.

Tomem a decisão consciente agora e verão que esse caminhar sobre as águas turbulentas do mar da vida não é fantasia, nem está longe do seu alcance.

Como alunos de uma verdadeira escola espiritual, não podemos esperar até que nossas vaidades espirituais sejam atendidas, mas precisamos agir agora. É preciso identificar e neutralizar tudo que não seja essencial e obrigatório, e nos orientarmos a serviço do grande objetivo.

Numa escola espiritual, os alunos não são obrigados a fazer ou deixar de fazer isso ou aquilo. Suas experiências sempre os colocam diante da necessidade de decidirem aceitar as condições para prosseguirem em seu aprendizado.

Uma verdadeira escola espiritual precisa sempre contar com um grupo de vanguarda que realmente realize o que precisa ser realizado e produza a vitalidade do corpo vivo. Uma escola espiritual se apoia, por um lado, na corrente universal de fraternidades que possibilita acesso ao puro ensinamento vivo e universal, bem como à imensa força mágica dinamizada por todos esses elos da fraternidade. E, por outro lado, apoia-se na força mágica produzida por seu grupo de alunos por meio da realização do caminho espiritual. Essas são as duas colunas básicas do que chamamos de Templo ou de Corpo Vivo.

Não importa em que ponto do discipulado esteja o aluno; o que importa é que ele não projete realidades desejadas para o futuro e diga "um dia alcançarei", sem fazer o que está ao seu alcance para tornar realidade agora!

Não se imagine que a Vida seja um local onde o aluno será acolhido ao deixar o corpo material por ter cumprido uma série de esforços bem-intencionados e elevados do ponto vista meramente social. A vida verdadeira é aquela que se constrói dia a dia com seu estado de consciência, e que se manifesta hoje, aqui e agora.

Uma forma simples e direta de ações salutares a aplicar sobre nós mesmos, para trilhar a senda única e caminhar com segurança, pode ser descrita assim:

- Identifique os automatismos de sua consciência para que possa descobrir a fonte da vida verdadeira em si mesmo, e se ligar a ela de forma contínua e permanente.

- Revisite seus sentimentos de bondade, compaixão, amor e justiça e os transforme com a força que você recebe da fonte da verdadeira vida que descobriu em si mesmo, e com a qual se ligou de forma consciente.

- Esteja sempre disposto a abandonar suas convicções, na certeza de que a transformação de sua consciência deverá levá-lo a alturas maiores sempre que, em humildade, admitir que nada mais sabe da vida comum, e sempre que a sabedoria verdadeira que você adquiriu seja aplicada para o único objetivo.

- Abandone todas as armas e a luta que se estabelece no campo de batalha do plano material da vida, mesmo quando imbuído dos mais elevados objetivos. Eles são retalhos com os quais pretendemos esconder nossa nudez!

- Livre-se de toda crítica e de todo julgamento, visto que levam em conta apenas os aspectos exteriores. Conscientize-se de que os defeitos dos outros são os desvios da cegueira de nossa visão. Tenha a coragem de sempre ser o menor dentre todos, pois essa é a única fórmula da igualdade.

- Sua silenciosa compreensão, mesmo que ainda muito instável, é o seu local de silêncio e segurança, onde deverá resguardar-se quando sua fé for atacada a partir de fora com o desprezo, e a partir de dentro com a dúvida sobre a senda ou sobre si mesmo.

- Não permita que o medo de falhar desvie o seu olhar quando os primeiros sinais da nova alma se fizerem presentes em seu ser.

Permanecendo firmes, vocês verão que o clarão da alma surge de repente no horizonte da noite escura. Se o sol, o Espírito, ainda não chegou ao momento de lançar seus raios, a alma, que já se faz presente, é capaz de iluminar os campos e anuncia a vinda inevitável do Espírito.

Através do clarão da alvorada, todos os seres se preparam para a vinda do Sol que, na sua plenitude de radiações, dinamiza todos os processos de manifestação da vida e movimenta a terra para que tudo repouse e se prepare para novamente se submeter ao seu fogo transformador.

Da mesma forma, o clarão da nova alma prepara o aluno e a aluna para a demolição de todas as suas ilusões pelo fogo do Espírito, que inexoravelmente vem e desperta os processos de manifestação

da verdadeira vida que se restabelece no microcosmo.

Assim realizamos nossa própria vontade em ligação com a Vontade da Fonte Universal da Vida, a vida verdadeira na qual entramos.

Como dizia a Sra. Catharose de Petri:

> Se de todo o coração e com o vosso inteiro santuário da cabeça, vossa personalidade desejar ser guiada pela força da alma e com ela colaborar, então, sobre essa base, podereis servir à grande obra.

Esforço, limites e desafios

A Escola da Rosacruz Áurea apresenta uma proposta de trabalho interior, em absoluta autonomia, pela qual se muda o curso repetitivo da vida. É uma mudança profunda, que requer esforço contínuo. Perseverando nesse esforço, o aluno rompe o ciclo repetitivo nos três níveis – pensamento, sentimento e forma de agir –, purificando a forma de viver. A Escola auxilia esse processo oferecendo um plano de trabalho interior, apresentando ferramentas concretas com indicações, advertências e esclarecimentos sob a luz da sabedoria perene. O esforço pessoal requerido é receber esse cabedal e aplicá-lo na vida real.

A busca pela perfeição em todos os aspectos da vida é reflexo do anseio mais profundo que parte da essência divina em cada um. Essa é uma realidade para todos os que buscam, com sinceridade, uma real nova vida. E a busca por essa perfeição passa pela tomada de consciência de nossas limitações e fraquezas.

À medida que se avança no trabalho interior, percebe-se a transformação de nossas percepções sobre o mundo exterior e sobre nós mesmos. Essa transformação ocorre através de ciclos que transformam nosso ser. Se bem vivenciado e compreendido, o final de cada ciclo nos coloca num outro, mais elevado, num movimento ascendente que envolve elevação vibracional de nossa inteira condição, que move nossa consciência: essa trajetória espiritual é comparada a uma espiral ascendente.

A cada movimento no ciclo de elevação dessa espiral, somos postos diante de dificuldades e desafios, que nos dão a sensação de ter chegado a um limite.

Estar diante de um limite, de algo que nos obriga a quebrar um ritmo que até então estava se desenrolando, incomoda de tal forma que se tem a sensação de estagnação na jornada espiritual. Mas esse limite é necessário e valioso, pois sem ele não avançamos.

Todavia, quando não usamos essas experiências como trampolins para alçar outros níveis de percepção, permanecemos nos ciclos repetitivos de nossa atividade mental, nos vícios de nossas emoções e na inconsciência de nossas reações.

Essa repetição, essa cristalização, transforma o tesouro das experiências acumuladas num fardo que pesa sobre nossa vida, sem aprendizado algum. É essa repetição que transforma carma em destino, nos mantendo sempre os mesmos.

A consciência de nossa pequenez é de suma importância; porém, se não buscamos continuamente a força que está presente na substância original em nós mesmos, sucumbimos nas dúvidas que são a reação negativa a essa tomada de consciência.

É fundamental estar cada vez mais orientado para a real vida interior, ganhando crescente intimidade com a potencialidade divina em nosso interior. Mesmo que às vezes não pareça frutífero, é preciso buscar incessantemente a conexão com essa força potencial do Absoluto em nós!

Tudo é muito dinâmico no processo espiritual; o descortinar interno é muito poderoso, mas pode ser muito doloroso; vamos percebendo que essas oscilações são parte de um processo em desenvolvimento, que não está completo.

Nesse ponto é de suma importância que o aluno aceite a dor da experiência: ela está mostrando o que ele precisa aprender. Os momentos de conflito e crise são as maiores oportunidades para nos livrarmos das surpresas do subconsciente, pois é neles que podemos desmascará-las.

Nossa consciência possui a faculdade extraordinária de observar sem julgar. Observar o fluxo, o desencadeamento dos processos mentais e emocionais sem tentar mudar ou etiquetar. Quando essa capacidade de observar é colocada em funcionamento, liberamos muitas outras potencialidades adormecidas: é como se adquiríssemos um telescópio de longo alcance e desvendássemos o nosso próprio universo. Forjado nas dificuldades e crises, o limite se transforma em mola propulsora que nos alça a outros níveis de entendimento.

Quando encontramos um grupo de pessoas que busca essa transcendência, que vive algo semelhante a nós, a unidade do grupo se fortalece e cria um campo de força que dinamiza, impulsiona e auxilia esse grupo nos momentos de desaceleração do processo. O grupo amortece essas possíveis ou aparentes "estagnações" que geram desânimo. A palavra desânimo significa sem alma, sem ânimo.

Existe uma alma coletiva, uma alma planetária e uma alma individual. Quando sentimos a vibração que a alma de um grupo irradia, nos sentimos animados por essa vibração que vem em auxílio do aspecto individual.

Não é condição suficiente estar integrado no grupo: esta é uma condição de auxílio, de acolhimento, mas o essencial é sempre o esforço individual. Daí a razão da existência das escolas de mistérios.

As oscilações são necessárias, pois tudo se manifesta através de ondas. A vida, o fluxo energético que move tudo se movimenta porque é movido por oscilações: as ondas do mar, os raios luminosos, os sons, os batimentos cardíacos, a respiração, enfim, o movimento é inerente à manifestação da vida.

E quando falamos que tudo é oscilação, estamos dizendo que tudo é vibração, pois a essência da vibração é oscilação e o processo espiritual não poderia ser diferente; ele também vibra, portanto também oscila.

Muitas vezes, em nossa ânsia de transformação, de ter um início realmente novo, nos desgosta a ideia de oscilação, de estar parando no caminho, de ter um maravilhoso *insight* e em seguida mergulhar novamente no sofrimento de nossa realidade pessoal.

Sob uma percepção sóbria, constatamos que é muito bom ser assim, pois do contrário nos cristalizamos, nos acomodando na fase em que acreditamos já ser uma grande conquista. Acabaríamos nos perdendo em uma manifestação linear e artificial de nossa existência e não haveria aprendizado. Seria a cristalização de uma projeção de nossa percepção ainda muito parcial.

O problema não está na oscilação, mas na trajetória. Utilizando a oscilação – os altos e baixos – como aprendizado, como mola propulsora, transformamos esses momentos em um tesouro inalienável, e o nosso próprio sofrimento se torna nosso melhor guia na caminhada. Tendo a coragem de confrontar esses momentos de forma sóbria, dando-lhes a devida atenção, veremos que é exatamente com eles que descobrimos os pontos nevrálgicos onde temos maior dificuldade e que precisam ser compreendidos, traduzidos e digeridos.

Essa postura nos abre um espaço interior, um "silêncio fecundo", como diz Mirdad, e podemos nos conectar com a fonte da plenitude divina em nós. Ela é a fonte primordial a partir da qual brotam as energias e as forças que estão na base da criação de toda a vida. Ela nos dá coragem para enfrentar os desafios do crescimento espiritual e a determinação de avançar nessa jornada, não importa quão difícil possa ser. Ela é a energia que nos estimula a superar as limitações da nossa personalidade.

E quando a espiral do desenvolvimento der mais uma volta e nos colocar diante de outros desafios, estaremos mais maduros para enfrentá-los, mais fortalecidos para vivenciar o que for necessário e continuar avançando nessa elevação espiritual.

Não há nada que impeça nosso desenvolvimento espiritual, apenas nós mesmos. Nós somos o prisioneiro, o

carcereiro e o libertador. Nós somos a porta, a chave e a saída.

Que estejamos cada vez mais conscientes das oportunidades diante de nós e que cada momento seja usado para um aprendizado libertador.

As duas vozes

Quando o assunto é o processo da autoiniciação, é comum alunos novos e antigos se perguntarem: "Como posso saber se um determinado impulso vem do meu eu ou da centelha do espírito? Como posso diferenciar a voz do eu e a voz da centelha? O que devo fazer quando se afirma que 'o eu não deve fazer nada'?" Essas perguntas normalmente surgem em momentos críticos da vida e do discipulado, deixando muitos alunos paralisados pela dúvida, perdendo ricas oportunidades de transformação.

Três definições simples e claras auxiliam a superar esses momentos de dúvida:

> Primeiro, só existe uma consciência em você.
>
> Segundo, também só existe uma voz em sua consciência.
>
> Terceiro, ao perceber tal voz, sua consciência deve agir.

Releia as três definições, porque isso é muito importante e muito mal compreendido.

Só existe uma consciência em você. A maneira mais simples de identificar sua consciência é percebendo-a diretamente, e não tentando descrevê-la ou compreendê-la. Neste exato momento, aquela que em você lê e busca compreender é a sua consciência. Para percebê-la, você não precisa pensar, nem querer, nem sentir, nem mesmo fazer nada; sua consciência, aquela que em você percebe, vem antes de tudo isso.

Mas sua consciência é como um espelho. Ela não possui uma identidade única e própria. Ela é a própria identidade de tudo, a identidade de tudo o que nela se reflete. Por isso é tão difícil separar sua consciência do que se reflete nela. E por isso é tão fácil acreditar que ela é um de seus infinitos reflexos.

Quando a Escola Espiritual fala de alma, ela se refere à sua consciência, ao núcleo

de sua identidade real, que vem antes de todos os fenômenos que se refletem nela. Assim como só existe uma consciência, também só existe uma alma.

Então, por que a Escola fala de uma "velha alma natural" e de uma "nova alma imortal"? Com isso a Escola quer dizer que a alma, isto é, a consciência, precisa passar por uma transformação. É como se precisássemos mudar a posição do espelho da consciência, para que aquilo que se reflete nele também se transforme.

Olhando para essa questão dessa forma, fica simples de entender: não existem dois espelhos, duas consciências ou duas almas. O que existe é que a posição atual do espelho da consciência-alma precisa ser reorientada. Quando isso acontece, o espelho passa a funcionar de maneira completamente diferente.

A segunda definição diz que só existe uma voz em sua consciência. Ainda

utilizando a imagem da consciência como um espelho, imagine-se diante de um grande espelho que reflete seu rosto. O que você percebe não é a superfície pura e cristalina do espelho, mas sim a imagem que ele reflete.

Grande parte das pessoas chama de "voz" da consciência o reflexo momentâneo do que se reflete em seu espelho, que ressoa dentro delas como se fosse um eco mais ou menos difuso e obscuro.

Daí vem a sensação desconcertante de que existem infinitas vozes dentro de nós, que se alternam, se confundem e nos deixam desorientados.

E por que isso acontece? Imagine que aquele espelho se apoia sobre um pedestal muito frouxo, e que o vento que entra pela janela o balance de um lado para o outro, mudando-o constantemente de direção.

Se você observar esse espelho em constante movimento, terá a impressão de que sua consciência é feita de infinitas imagens, como se milhares de vozes estivessem se alternando dentro de você. Quando o espelho estiver voltado para um pensamento, você dirá: "Esse pensamento sou eu". No instante seguinte, quando ele se voltar para um sentimento, ou um desejo, ou mesmo uma reação, você olhará para esses reflexos e irá afirmar: "Isso sou eu".

Assim, você fica cada vez mais convencido de que esses reflexos que se alternam no espelho de sua consciência são "você mesmo", ou seja, que essas são as infinitas vozes de seu "eu", quando, na verdade, a realidade é algo completamente diferente disso: sua consciência, seu ser real, é o próprio espelho, e não o que se reflete nele.

Ao mesmo tempo, você compreende que o espelho de sua consciência reflete apenas uma coisa ou uma determinada situação "de cada vez"; que mesmo refletindo infinitas coisas e situações diferentes, o espelho de sua consciência tem apenas um único reflexo; sua consciência possui apenas uma "voz", que é

a manifestação do que nela se reflete "neste exato momento".

Portanto, não existem inúmeras vozes em sua consciência. O que acontece é que sua consciência, assim como um espelho preso a um pedestal frouxo, não possui orientação real alguma, e está à mercê dos ventos que circulam pelas janelas do quarto de seu mundo interior.

A questão que precisa ser solucionada não é eliminar os diferentes reflexos, mas reorientar o espelho, para que ele possa fazer sua real função. O desafio não é calar as vozes que se refletem e ecoam em sua consciência. Nem se trata de tentar classificar se essas vozes, ou esses impulsos provêm de um suposto "eu" ou da "centelha do espírito", pois tudo isso não passa de um punhado de reflexos de pensamentos, de sentimentos, de desejos ou reações, e, portanto, de objetos estranhos e externos à sua consciência, de um grande teatro de sombras alternando-se na parede da caverna de nossa mente comum.

A terceira definição diz que ao perceber tal voz, sua consciência deve agir. E aqui está o coração do problema: o processo proposto pela Escola não é separar, analisar e catalogar supostas vozes diferentes em nossa consciência e, na prática, não fazer nada a respeito. Trata-se justamente do contrário!

Tudo começa com a percepção direta de sua própria consciência, de dar-se conta, nesse instante, de quem, em você, percebe.

Uma vez que sua consciência percebeu a si mesma, trata-se agora de perceber o que está se refletindo nela agora. Não para classificá-lo como vindo do "eu" ou do que você imagina ser "a centelha do espírito". Não, trata-se de perceber o reflexo para dar-se conta de que, pouco importa o que esteja se refletindo nesse momento, isso não passa de um reflexo, e nada mais.

Sim, perceber que qualquer coisa que se reflita em sua consciência, seja o que for, não é real, mas apenas um reflexo, e que seu ser real é a própria superfície que reflete, sempre presente, sempre neutra, sempre silenciosa, como a imagem eterna e inalterável do Ser Real em seu ser!

E, então, quando essa percepção do Ser Real estiver presente, o espelho de sua consciência se reorientará para ELE, para o próprio Ser Real em você.

Nesse momento, você não precisa imaginar uma centelha do espírito, pois a Luz do Sol Universal se refletirá diretamente sobre o espelho de sua consciência, e sua Luz a iluminará totalmente, pois ela se tornará o reflexo da Luz.

Você terá agido de verdade, você terá realizado a única e verdadeira nova ação, pois terá reorientado o espelho de sua consciência para o Ser Real do qual ele provém.

Este artigo nos traz ao limiar da percepção de um novo horizonte de nosso mundo interior, convidando a adentrá-lo,

abandonando teorias especulativas sobre o processo interior, para colocar os pés no caminho real da transformação da consciência.

Que tenhamos a coragem de dar esse passo em direção ao núcleo de nosso próprio ser, ao espelho de nossa consciência-alma, libertando-nos de todos os reflexos ilusórios e adentrando o mundo real que se encontra no nosso imo!

Perdão e reconciliação

A vida que se desenvolveu nos reinos animal e hominal foi moldada pela lei da sobrevivência, em que cada ser precisa lutar contra os demais para manter-se vivo.

Nesse longo caminho evolutivo, os seres humanos desenvolveram a consciência biológica, a consciência-eu, que carrega esses instintos de luta ou fuga, de alerta contínuo em busca de sinais de perigo, de classificação de pessoas como amigas ou inimigas. Foi assim que nos tornamos especialistas em julgar, criticar, lutar, concorrer, temer, nos proteger: tudo isso é necessário à nossa sobrevivência e ao desenvolvimento de uma consciência-eu autônoma.

Agora, como aspirantes a um caminho iniciático, em que buscamos um estado de consciência mais elevado, acima da consciência de animal pensante, nos defrontamos com a necessidade de transpor esse estado de consciência egocêntrico para uma consciência espiritual, conectada à nossa essência espiritual e ao Espírito Universal.

O comportamento apoiado no egocentrismo é a barreira que separa não só um ser humano de outro, mas separa o ser humano de sua própria essência espiritual; por isso é dito que o egocentrismo tem como irmã gêmea a separatividade.

Este artigo procura fazer uma reflexão sobre algumas barreiras internas, originadas de conflitos e desarmonias com outras pessoas, tomando como base um trecho do Sermão da Montanha:

> Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta.
>
> Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que

> o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão.
>
> Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares até o último centavo.[10]

Esse trecho bíblico contém alguns tópicos importantes para reflexão:

- quem está levando sua oferenda ao altar e se lembrar que seu irmão tem algo contra ele, deve primeiro reconciliar-se com seu irmão, antes de apresentar sua oferenda no altar;
- deve reconciliar-se logo com seu adversário, para que ele não o entregue ao juiz e seja encarcerado numa prisão; e
- não poderá sair da prisão até pagar o último centavo.

Relacionando esse trecho com o processo interior proposto pela Escola, vemos que o primeiro tópico diz respeito à necessidade de solucionar nossos conflitos externos e internos, antes de fazermos nossa oferenda, isto é, oferecer nossa alma ao Espírito Universal.

Para examinar esse tópico, façamos antes algumas reflexões:

- Por que, apesar dos meus esforços para não criar inimizades, às vezes acabo me envolvendo em atritos com outras pessoas?
- Existem pessoas que têm ressentimento, mágoa ou raiva de mim?
- Tenho ressentimento, mágoa ou raiva de alguém?
- Por que ainda sinto antipatia ou restrição interna em relação a alguma pessoa?

Quando o texto bíblico menciona a lembrança de que "teu irmão tem alguma coisa contra ti", significa conscientizar-se de uma culpa ou falta que temos em relação a outra pessoa. Essa culpa não envolve somente conflitos declarados, mas inclui ligações cármicas negativas com outras pessoas, tais como: crítica, preconceito, mágoa, raiva, deslealdade, descortesia. Podemos viver em um estado de paz aparente com outros, mas carregado de tensões, ou ainda em uma atmosfera de rejeição ou frieza em relação a elas. Tudo isso representa envenenamento mútuo pela troca de energias astrais, mentais e etéricas desarmônicas.

Enquanto estamos ligados a alguma pessoa por esses laços negativos, estamos carmicamente encarcerados com ela, e temos que pagar nossa pena em dor e sofrimento, até o último centavo cármico. Em outro trecho, o Sermão da Montanha prescreve: "Amai os vossos inimigos, para que vos torneis filhos de vosso Pai Celeste". Não se trata apenas de uma lei moral, mas um preceito baseado em profundo conhecimento das leis universais.

Os fundadores da Escola alertam para evitar atitudes de descortesia, crítica, desamor, deslealdade etc.; recomendações baseadas numa profunda compreensão do efeito aprisionador de tais atitudes.

10. Bíblia, *Evangelho de Mateus: 5-23:26.*

Pode-se retrucar que existem pessoas chatas, maldosas e insuportáveis neste mundo. Como ficar bem com elas? Nossa tendência é apontar o dedo e culpar aqueles com quem não nos harmonizamos.

Mas quem percorre o processo de autoiniciação precisa enfrentar essa questão e assumir o papel na transformação da própria consciência. Quando constatamos essas desarmonias, surgem questões como: "Por que temos conflito ou antipatia com certas pessoas? O que podemos fazer para resolver essas ligações negativas?"

Não existe um passe de mágica para solucionar nossas desarmonias com outras pessoas.

Desde o início do discipulado na Escola, é ressaltada a importância dos 3 fundamentos preparatórios do caminho interior: o autoconhecimento, a ligação interior com nossa centelha do espírito, para então trabalhar na transformação da consciência.

É importante entender o funcionamento da própria consciência. Pensamos que nossa forma de ver e entender as pessoas e os fatos da vida é a correta; que a nossa visão da realidade está correta.

Mas o que é a realidade? Realidade é, ao mesmo tempo, uma ilusão e um produto de nossa própria consciência. Cada ser humano enxerga a si mesmo e ao mundo através da lente da sua consciência. E essa lente da consciência está manchada por nossos medos, traumas, pelas situações positivas e negativas que ocorreram conosco, consciente ou inconscientemente; e, somado a isso, ainda herdamos os fatores biológicos e cármicos de nossos antepassados e o passado cármico de nosso microcosmo. É através desse emaranhado de influências que enxergamos as pessoas e os acontecimentos.

E o que enxergamos é o reflexo de nós mesmos no espelho de nossa consciência. A chatice que enxergo nos outros é o reflexo da chatice que existe em mim; a maldade que enxergo nos outros é o reflexo da maldade que existe em mim.

De fato, existem pessoas e circunstâncias que nos incomodam e complicam nossa vida. Mas o quanto essas pessoas e circunstâncias nos atingem depende totalmente de nossa consciência. Se não tivéssemos uma similaridade ou uma ligação com essas pessoas e circunstâncias, elas não nos atingiriam.

Por isso precisamos nos conhecer profundamente para compreender e superar nossas tendências internas para essas desarmonias, e assim transformar nossa consciência. Somente galgamos o cume da montanha da iniciação e alcançamos uma conexão com nossa própria essência espiritual e com o Espírito Universal, quando purificamos nosso pensar, nosso sentir e nosso agir nessas desarmonias e conflitos.

Por isso o Sermão da Montanha diz: "Reconcilia-te primeiro com teu irmão,

e só depois regressa ao altar e leva tua oferenda"; e ainda, "Não saireis desse cárcere até que pagueis até o último centavo".

Só podemos oferecer plenamente nossa alma para a Luz das Luzes após nos reconciliarmos com cada ser humano com quem estivermos em desarmonia.

Isso significa que são necessários perdão e reconciliação absoluta com todos, até no mais profundo de nosso ser.

E esse perdão e reconciliação começam conosco: frequentemente somos tomados por autodesprezo, pela repreensão que fazemos a nós mesmos; sentimo-nos secretamente insignificantes e imperfeitos. Esse sentimento nos paralisa.

Certamente somos seres imperfeitos, assim como todos. Mas, apesar de todas as imperfeições, nós e todos os outros seres humanos somos portadores da centelha do espírito, e por isso somos chamados à mais nobre tarefa: transformarmo-nos para que o Espírito possa se manifestar em nós, e assim nos tornarmos seres da eternidade.

Nesse processo de perdão e reconciliação conosco e com todos, vencemos paulatinamente o egocentrismo e a separatividade que nos afligem e nos isolam uns dos outros.

Outro ponto importante mencionado no Sermão da Montanha é o juiz que nos condena e nos encaminha ao cárcere. Quem é esse juiz? É a lei do carma, que não deve ser vista como um deus vingativo que sentencia "colherás o que plantaste!"

A lei do carma é a grande lei do Universo, a grande lei do amor, que como uma amorosa mão de Deus nos conduz no caminho da experiência e da aprendizagem para a evolução rumo ao Espírito.

Que possamos assim aprender as grandes lições que a vida coloca diante de nós.

> Portanto, em primeiro lugar, a grande e santa força-Luz da natureza original deve irradiar em todo o nosso corpo. A atitude de vida agora exigida é a que leva à iluminação. Devemos nos tornar uma alma que busca o Espírito.
>
> Para isso é necessário colocar nosso sentir, pensar e querer sob a força de irradiação do alento sagrado, a fim de que a alma possa despertar para a vida no corpo vital e possa religar-se ao Espírito Sétuplo. O Cristo interior tomará a direção do homem-João; e aí, onde o eu, por mais dedicado que seja, não consegue ter bom êxito, a alma será capaz de suprimir todas as dificuldades existenciais da personalidade e a conduzirá à grande vitória, à ressurreição.[11]

Que este artigo possa ajudar os que querem percorrer o caminho que leva à grande transformação da vida!

11. Petri, Catharose de. *O Verbo Vivente*. Jarinu, SP: Rosacruz, 2006. Cap.2.

A fé

Muitas pessoas procuram respostas sobre o significado da vida, o propósito pessoal e o seu papel no Universo; buscam por experiências pessoais que são interpretadas como espirituais ou transcendentais. No percurso de uma vida de busca, são influenciadas por ensinamentos transmitidos por líderes religiosos, textos sagrados e mestres espirituais. A compreensão das tradições religiosas ou espirituais é moldada por essas fontes de conhecimento e orientação.

A essa conexão externa dá-se o nome de crença. E não é incomum haver grande confusão entre crença e fé.

A crença geralmente está ligada à aceitação mental ou intelectual de algo considerado verdadeiro ou real, que não exige a experiência direta ou a profunda ligação pessoal com o objeto da crença. É baseada em convicções, ideias ou dogmas que podem ser adotados por influências culturais, educação ou tradições, mas não necessariamente exigem uma conexão emocional ou espiritual íntima.

As crenças preenchem e balizam a vida de milhões de pessoas. Percebe-se o contínuo fortalecimento por meio de práticas ritualísticas regulares, meditação, oração, yoga ou formas diversas de conexão com o campo metafísico.

Não se desconsidera o valor das crenças. Na incessante busca por respostas, o ser humano tem a oportunidade de vivenciar diversas experiências, criando ou elaborando pessoalmente aspectos com formato, rito e desenvolvimento bem estabelecidos. Ao se conectar com crenças, o buscador tem a oportunidade de perceber a reverberação dessas ligações em seu ser, o que permite movimento ou estagnação, dependendo do seu grau de apego.

A jornada espiritual nem sempre é linear. Desafios, dúvidas e questionamentos

surgem ao longo do caminho. Na Escola Espiritual chamamos a esses aspectos de experiências. E esses momentos desafiadores podem levar a uma reflexão mais profunda ou ao fortalecimento ou remodelagem das crenças.

Na Rosacruz Áurea se diz que o buscador chega ao limite de seu estado de consciência. E é nesse momento que perguntas mais profundas surgem em sua psique; um profundo anseio por respostas incomoda o seu ser, tira o seu sono, provoca silêncio exterior e a percepção de que o mundo é muito pequeno.

A esse pequeno mundo ou pequeno universo chamamos de centelha do espírito. Toda a inquietação por respostas ou por fazer algo diferente parte do nosso mais profundo íntimo; e é possível percebê-la apenas quando nos vemos "transportando montanhas".

Em virtude das leis naturais às quais estamos submetidos como seres nascidos desta natureza, somos todos objetos de luta, ódio e instintos. Essa é a grande crise neste campo de existência. Se o homem se entrega ao impulso da centelha do espírito em seu coração, ele chega à quietude; ele é tocado pelo campo magnético da Fraternidade da Vida.

Então, essa pequena parte do Todo é despertada no coração, e uma nova vibração, um novo anseio e uma nova faculdade magnética são desenvolvidos. A faculdade magnética – que não se origina desta natureza – fica à disposição do aluno.

Assim a fé surge em seu coração, e o aluno fica repleto de esperança, de enorme força magnética que atrai ao seu microcosmo numerosas forças e valores não originários desta natureza.

A fé é uma força de impulso que alavanca e alimenta a jornada espiritual rumo à transformação interior. Essa transformação não é apenas individual, mas reflete intensamente na mudança do mundo e da humanidade.

Para despertar essa vibração e intensificar a compreensão dessa fé, somos acolhidos no átrio da Escola Espiritual; acolhidos "para libertar a fé nos vossos corações".

Declarações semelhantes a essa são, muitas vezes, fórmulas, chavões ou crenças, e são escutadas em qualquer parte, de qualquer pessoa. Pronunciadas e ouvidas de modo superficial, portanto de pouco significado.

Quando se ouve que "estais na Escola Espiritual com a finalidade de libertar a fé nos vossos corações", isso pode nos dar alguma tranquilidade, uma sensação de estar em casa, de ter encontrado o refúgio contra as agruras do mundo. Mas, não! Na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea o aluno não está em casa, no sentido de estar numa situação de acomodação e conforto! A tarefa da Escola é nos inquietar, instigar nossa vida para que uma real transformação interior ocorra.

A Escola Espiritual é formada por um campo de vida, um corpo vivo de alunos

e alunas que anseiam pelo reencontro de sua alma renascida, a nova alma, com o Espírito. A Escola auxilia os alunos a uma observação contínua de si mesmo, iluminada pela força de fé provinda do coração.

Pergunte-se: "Em que está baseada a minha fé? Está estabelecida sobre a base imaterial e eterna em meu coração? Está fortalecida e viva na força impulsionadora da centelha do espírito? Ou está baseada nos fundadores da Escola, na autoridade dos mentores ou dos que precederam no trabalho? Ou nas minhas crenças autocriadas sobre a Escola?"

Se você possui um estado interior que existe independentemente de tudo, como uma verdadeira posse da alma, como consciência, como realidade no sangue, saberá também o que a Escola significa em sua vida.

Esse processo é um "trabalho de toda uma vida". E esse trabalho só alcança êxito se a fé – que no início produziu os primeiros lampejos de autopercepção e impulsionou o buscador a uma real decisão de mudança – se tornar um estado de fé.

A transformação da fé em um verdadeiro estado de fé requer dedicação contínua e sincera, um esforço responsável e persistente no trabalho interior de verdadeiro autoconhecimento.

Somos algozes e vítimas de nós mesmos. Buscamos fugir das dificuldades interiores; buscamos traduzir o caminho iniciático em um percurso tangível pelas nossas percepções concretas; buscamos certezas exteriores de realização do processo nos outros.

Perseverar e laborar interiormente significa estar ligado conscientemente à força de fé que emana do imortal em nosso coração, a centelha do espírito, permitindo que os pensamentos, sentimentos e ações se transformem em um novo pensar, um novo sentir e um novo agir.

Pergunte-se: "Esse estado de fé já é vivo em mim? Utilizo positivamente as oportunidades que me são oferecidas pela Rosacruz Áurea nas conferências de renovação, serviços templários, atividades públicas para reacender a conexão interna com a centelha em meu coração? Vejo a vida conectada com o processo espiritual, ou ainda separo a vida no mundo da vida na Escola?"

Como já mencionado, a tarefa da Escola é inquietar, instigar. E ela reforça: "A vida é uma só"; a vida é um "estado de vida". A vida é a própria manifestação! Cabe a cada um observar se sua conexão com ela está fundamentada em crenças, ou na força de fé do centro eterno e imortal no coração.

Se interiormente a fé já se estabeleceu como uma força dinâmica para o alto, para o santuário da cabeça, auxiliando a mudança da chave vibratória do pensar, permitindo um novo pensar, então uma nova ação, um novo estado de vida se manifesta.

Persistir nesse labor interior, mantendo a conexão e a determinação, leva o aluno a um estado de ser em que a fé transcende a mera crença e se torna uma fé pura, um auxílio duradouro.

> A fé pura dá-nos o conhecimento interior, a certeza de que a força que dele emana será um auxílio duradouro para o aluno na senda, auxílio esse que lhe dará "poder".[12]

Poder, não no sentido de se tornar um ser especial em um pedestal acima dos demais, mas o poder como força transformadora em si mesmo para o renascimento.

Que a fé seja viva! Que a força da fé seja o consolo e o fogo! Que o estado de fé seja permanente em todos nós!

12. *Rosa Mystica 200.*

A voz do silêncio

Este artigo trata de alguns temas ligados à antiquíssima sabedoria do Oriente, contidos no livro *A voz do silêncio*:

> Diz o aluno: Ó mestre, que farei eu para atingir a sabedoria? Ó sábio, que farei para conseguir a perfeição?
>
> O mestre: Procura os caminhos. Mas, sê puro de coração antes que comeces a tua jornada. Antes que dês o primeiro passo, aprende a discernir o real do falso, o transitório do eterno. Aprende sobretudo a separar a ciência da cabeça da sabedoria da Alma, a doutrina dos "olhos" da doutrina do "coração". Sim, a ignorância é como uma vasilha fechada e sem ar; a Alma é como um pássaro preso. Não canta, nem pode mexer uma pena; mas jaz num torpor e morre de exaustão. Mas mesmo a ignorância é melhor do que a ciência da cabeça sem a sabedoria de Alma para a iluminar e guiar.
>
> As sementes da sabedoria não podem germinar e crescer no espaço sem ar. Para viver e colher experiência, o espírito precisa de amplitude, de profundidade e de pontos que o guiem para a Alma de Diamante.
>
> Não procures esses pontos no reino de Maya; mas ergue-te acima das ilusões, e busca o eterno e imutável Sat, desconfiando das falsas sugestões da fantasia. Porque a mente é como um espelho; cobre-se de pó enquanto reflete.
>
> É necessário que a brisa suave da sabedoria da Alma limpe o pó das nossas ilusões. Procura, ó principiante, fundir a tua mente e a tua Alma.
>
> Afasta-te da ignorância e também da ilusão. Volta o teu rosto para longe dos enganos do mundo; desconfia dos teus sentidos; eles mentem.
>
> Mas dentro do teu corpo, procura no impessoal o Homem Eterno e, tendo-o procurado fora, olha para dentro. Tu és Buda.[13]

13. Blavatsky, H.P. *A voz do silêncio.* São Paulo: Ed. Pensamento, 2010, versos 109 a 116.

Esses versos mostram a realidade do ser eterno que se encontra em cada um.

"Sê puro de coração antes que comeces tua jornada", diz o texto. A purificação do coração é um dos primeiros e mais importantes passos dados para alcançar o despertar interior. Pensamentos, sentimentos, desejos e ações egocêntricos colocam-nos em um labirinto, cuja saída somente pode ser encontrada a partir do ser eterno que está no coração. Ouvimos a voz do silêncio quando nos aquietamos e nos voltamos para essa centelha divina em nós; ouvimos a voz do Espírito no silêncio de um coração que se torna puro.

Desse ser eterno, dessa voz do silêncio, emana uma nova energia, não egocêntrica, que conduz a nova alma – a consciência renovada – em direção à grande unidade com tudo e com todos.

Quando nossa consciência inicia essa conversão, no movimento que a afasta do egocentrismo e a conduz em direção ao ser verdadeiro em nosso imo, percebemos o que é ilusão e o que é real. A realidade, a eternidade, a nova vida, não é um lugar que deve ser alcançado, mas um estado de ser. Por isso, *A voz do silêncio* diz que é preciso "separar a ciência da cabeça da sabedoria da Alma, a doutrina dos 'olhos' da doutrina do 'coração'". A doutrina dos "olhos" ou a ciência da cabeça é comparada à Maya, a ilusão, o transitório; refere-se aos conhecimentos e valores da consciência-eu guiada pelos sentidos, e por isso fundamentalmente egocêntrica e efêmera, baseada no medo e na autoconservação.

Diferentemente, devemos nos aproximar da doutrina do "coração" ou da sabedoria da alma, que se refere à sabedoria que surge quando nossa consciência se une ao ser eterno em nós, nossa centelha do espírito; essa sabedoria nos transforma e nos conduz para a eternidade, para a manifestação plena do Espírito em nós.

Com a sabedoria da alma, as portas da verdadeira transformação se abrem. O ser eterno ilumina o interior da consciência e descobrimos gradualmente nosso mundo interior de pensamentos, sentimentos, desejos, intenções e ações, que se manifestam como caos e desarmonia.

Na força do ser eterno, essa autopercepção transforma tanto nossa consciência quanto nosso ser; disso resulta nova corporeidade e nova veste de luz, isto é, um novo campo vibratório.

Depois de termos buscado fora, de termos trilhado inúmeros caminhos e explorado teorias e filosofias, a sabedoria da alma – a sabedoria de uma nova consciência renovada pelo Espírito – sopra para longe o pó de nossa mente ilusória e errante.

E o final desse trecho d'*A voz do silêncio* nos ensina: "Mas dentro do teu corpo, procura no impessoal o Homem Eterno e, tendo-o procurado fora, olha para dentro. Tu és Buda".

A voz do silêncio continua:

> Assim diz o Sábio: Irás abster-te de agir? Não é assim que a tua Alma conseguirá a sua liberdade. Para alcançar o Nirvana é preciso obter o autoconhecimento, que é filho de ações caridosas. Tem paciência, candidato, como quem não teme falhar, nem procura triunfar. Fixa o olhar da tua Alma na estrela cujo raio és, a estrela flamejante que brilha nas profundezas sem luz do ser eterno, nos campos ilimitados do desconhecido. Tem perseverança, como aquele que é capaz de tudo suportar eternamente. As tuas sombras vivem e desaparecem; aquilo que em ti viverá para sempre, aquilo que em ti sabe (porque é o conhecimento) não pertence à vida passageira. É o Homem que foi, que é, e que há de ser, para quem a hora nunca soará. Se queres colher a suave paz e o descanso, discípulo, semeia as sementes do mérito nos campos das colheitas futuras. Aceita as dores do nascimento. Afasta-te da luz do sol e fica na sombra, para dares espaço aos outros. As lágrimas que regam o solo árido da dor e do sofrimento fazem nascer as flores e os frutos da retribuição cármica.
>
> Da fornalha da vida humana e de sua fumaça saltam chamas aladas, chamas purificadas que se elevam e avançam sob o olhar cármico, e tecem por fim o tecido glorioso das três vestes do Caminho.
>
> Essas vestes são: Nirmanakaya, Sambhogakaya, e Dharmakaya, o traje sublime.
>
> A veste Shangna, é verdade, pode comprar a luz eterna, cessa o renascimento, mas mata a compaixão. Os Budas perfeitos, que vestem a glória do Dharmakaya, já não podem ajudar na salvação humana. Ai de nós! Deve a humanidade ser sacrificada pelo bem de alguns?
>
> Aprende, ó principiante, que este é o caminho aberto, o caminho para a felicidade egoísta, evitado pelos Bodhisattvas do Coração Secreto, os Budas da Compaixão. Viver para servir a humanidade é o primeiro passo. Praticar as seis virtudes é o segundo.
>
> Vestir a veste humilde do Nirmanakaya é renunciar à sua bem-aventurança eterna, para auxiliar na salvação humana. Alcançar a bem-aventurança do Nirvana, e renunciar a ela, é o passo supremo, o mais alto no caminho da renúncia.
>
> Aprende, ó discípulo, que este é o caminho secreto, escolhido pelos Budas da perfeição, que se sacrificam para beneficiar os mais fracos.[14]

Os sentimentos e os pensamentos são a extensão do nosso próprio corpo, pois formam os aspectos mais sutis que muitas vezes passam desapercebidos de nossa consciência. Tudo isso se expressa naquilo que denominamos a Veste de Luz.

A Veste de Luz ou a alma do ser humano é composta de 5 elementos principais: o sangue, o fluido nervoso, os hormônios, o fluido astral e a consciência. A reorientação da consciência do ser humano em direção ao ser eterno dentro de si pode transformar gradualmente todos os seus

14. Blavatsky, H.P. *A voz do silêncio,* op. cit, versos 136 a 146.

veículos, dos mais densos aos mais sutis: pode transformar sua Veste de Luz.

Em *A voz do silêncio* fala-se das 3 Vestes que estão à disposição daquele que renovou sua consciência, a ponto de ter se tornado livre do egocentrismo. Para esse ser, livre dos grilhões da ilusão do ego, são oferecidas 3 vestes, correspondentes a 3 estados de ser.

Dharmakaya, a veste sublime, corresponde ao estado de ser daquele que se libertou de toda sombra do egocentrismo e que pode adentrar de maneira definitiva em um novo estado de vida. Mas isso também significa o desligamento definitivo deste mundo. Aquele que adentra esse estado de ser, esse estado de consciência, simbolicamente aquele que aceita a veste de Dharmakaya, ingressa em um novo estado de realidade e, assim, abandona totalmente nosso estado de vida.

É por isso que em *A voz do silêncio* está dito que atingir esse estado e recusá-lo, para servir à humanidade, é o passo supremo no caminho da renúncia.

Que renúncia? A renúncia total de si mesmo. Aquele que renuncia à sua libertação imediata e aceita a veste de Nirmanakaya, a veste do sacrifício, auxilia no grande trabalho de libertação para o mundo e para a humanidade.

Esse é o sacrifício de todos os grandes do Espírito: Buda, Lao Tsé, Hermes Trismegisto, Cristo, e de todos aqueles que escolheram mostrar o caminho de libertação do egocentrismo para a humanidade. Eles o fizeram não somente em palavras, mas com seu próprio exemplo.

Cada um que trilha o caminho de transformação da consciência torna-se um auxiliador no trabalho de libertação da humanidade. Cada um de nós pode se elevar nesse trabalho e ter a oportunidade de tecer sua veste do "Sacro Ofício", do ofício sagrado; e pelo seu exemplo, ajudar a todos os que ainda estão presos ao egocentrismo. Cada um que trilha esse caminho percebe que não existe separatividade alguma.

A voz do silêncio afirma que, para aquele que trilha esse caminho, é impossível abster-se da ação. Pois somente quando se trabalha como um verdadeiro servidor do Ser Eterno em si, é possível abarcar o que é o Espírito. O Espírito não está em palavras belas e elevadas; ele não se encontra em lugares silenciosos e remotos; o Espírito se encontra no coração daquele que dedica sua vida para tecer uma nova veste de luz, a veste de luz da renúncia do egocentrismo.

E a ponte entre os servidores que aceitam a veste de Nirmanakaya, e a nova realidade de quem já ingressou no estado de Dharmakaya, é feita pelos que usam a veste denominada Sambhogakaya.

Esse é o estado de ser daqueles que se encontram na fronteira, cheios de misericórdia, e aguardam que os servidores deste campo de vida terminem seu tra-

balho e assumam seu lugar, para que a Corrente de Luz nunca se rompa.

Que todos nós possamos tecer a primeira veste, a de Nirmanakaya, e na alegria do servir, encontrar o Espírito no imo de nosso ser.

